

TERRA DE GIGANTES

Mostra exalta a força de artistas
e lideranças negras e indígenas, no Sesc São Paulo



Foto: Divulgação

Imersiva e interativa, a videoinstalação com concepção e curadoria de Daniel Lima ocupa o espaço expositivo do Sesc Casa Verde com cenas de personalidades como Davi Kopenawa Yanomami e Naruna Costa

Com concepção e curadoria do artista, editor e pesquisador Daniel Lima, a mostra se desdobra em uma videoinstalação composta por onze cenas, incluindo intervenção poética e ateliê educativo, que exaltam as forças simbólicas e mitológicas interseccionais entre as culturas negras e indígenas no Brasil.

Repleta de recursos audiovisuais desenvolvidos especialmente para promover uma vivência interativa, sensorial e singular, a mostra tem como inspiração atrações de parques temáticos como trem-fantasma e labirinto de espelhos. Ao longo do percurso, o espectador é provocado por uma série de projeções geradas a partir de sensores óticos acionados por presença: às vezes gigante, às vezes minúsculo, em um trajeto de luzes e vislumbres fantásticos evocados por personagens, performances, entrevistas e criações visuais.

São protagonistas das cenas 12 artistas, coletivos e lideranças: Katú Mirim, rapper indígena paulista; Davi KopenawaYanomami, importante liderança yanomami e autor do livro *“Queda do Céu”*; Legítima Defesa, coletivo de atores e atrizes negros; Naruna Costa, atriz, cantora e diretora teatral que interpreta o texto *“Da Paz”*, de Marcelino Freire; Jota Mombaça, artista performática; Jonathan Neguebites, dançarino de passinho carioca; Daiara Tukano e Denilson Baniwa, artistas da cena da arte indígena contemporânea brasileira; a presença musical central de Naná Vasconcelos; cantos gravados por Juçara Marçal e Daiara Tukano, além da intervenção poética de Miró da Muribeca, poeta e performer pernambucano.

“Terra de Gigantes’ tem como proposição cruzar essas gerações de artistas negros e indígenas para questionar um ideário brasileiro contemporâneo, reivindicando outra imagem de Brasil, não a criada pelo Modernismo a partir da perspectiva branca”, defende Daniel Lima.

Segundo o curador, a exposição nasceu de um processo de pesquisa, autoeducação e investigação sobre o quilombismo que começou há anos, em projetos anteriores capitaneados por ele, como *Quilombo Brasil*, e a videoinstalação *Palavras Cruzadas* (2018/19), que deram as bases técnicas e poéticas do projeto atual.

“Terra de Gigantes’ é uma expressão de questionamentos sobre o momento histórico que vivemos. Um documento vivo de forças que nos constituem como sociedade contemporânea no Brasil. A videoinstalação investe também na representação das forças opressivas que nos cercam como fogo ao redor. Em contraste, posicionamos as linhas de resistências articuladas neste imaginário político-poético”, conclui o curador.

INTERAÇÃO E ACESSIBILIDADE E DESTAQUES

Um dos destaques da exposição, cujo gigantismo simboliza seu título, a intervenção de Davi Kopenawa Yanomami surge projetada em uma escala aumentada em 800%. A partir de excertos de seu livro *A Queda do Céu*, Kopenawa fala sobre a força de resistência que existe não só em sua figura, mas na cultura do povo yanomami que, simbolicamente, por meio da dança de seus xamãs, garante que o céu permaneça sobre as cabeças e não caia.



Davi Kopenawa
Yanomami
Foto: Gil Souza

Terra de Gigantes conta com recursos de acessibilidade como mapa tátil, legendas em braile, tinta ampliada, audiodescrição, videoguia, audioguia e recursos tecnológicos como o vibroblaster, que transforma o áudio em vibrações sensíveis. A exposição conta também com um ateliê educativo aberto ao público com atividades mediadas e um espaço de leitura.

SOBRE O CURADOR

Nascido em Natal (RN), em 1973, Daniel Lima é artista, curador, editor e pesquisador. Bacharel em Artes Plásticas, mestre em Psicologia Clínica, doutor em Meios e Processos Audiovisuais pela Universidade de São Paulo e integra o laboratório Lab Arte Mídia. Desde 2001, cria investigações-ações em pesquisas relacionadas à mídia, questões raciais, resistências coletivas e análises geopolíticas. É integrante fundador de diversos coletivos, entre eles a Frente 3 de Fevereiro. Recentemente foi

agraciado com o 64º Prêmio Jabuti (2022), como editor na categoria “Artes”.

SOBRE OS ARTISTAS

DaiaraTukano

Nascida em São Paulo, Daiara Hori Figueroa Sampaio – Duhigô, do povo indígena Tukano – Yé'pá Mahsã, clã Eremiri Hãusiro Parameri do Alto Rio Negro na Amazônia brasileira, é artista, ativista, educadora e comunicadora. Graduada em Artes Visuais e mestre em Direitos Humanos pela Universidade de Brasília (UnB), pesquisa o direito à memória e à verdade dos povos indígenas. Ganhadora do Prêmio PIPA Online 2021, organizado pelo Instituto PIPA, um dos mais relevantes prêmios brasileiros de artes visuais.

Davi KopenawaYanomami

Liderança reconhecida internacionalmente em sua luta pela defesa do território, foi tradutor e chefe de posto da Funai (Fundação Nacional dos Povos Indígenas). Por sua atuação recebeu o prêmio Global 500 da ONU e diversas outras homenagens nacionais e internacionais, como o prêmio Itaú Cultural 30 anos, em 2017. É doutor Honoris-Causa pela Unifesp, título outorgado em março de 2023. Autor do livro *A Queda do Céu*, é codiretor do documentário experimental *Xapiri* e assina o roteiro do filme *A última Floresta* em parceria com Luiz Bolognesi.

Denilson Baniwa

Nascido em Mariuá, às margens do Rio Negro, no Amazonas, é artista visual e comunicador e desenvolve seus processos artísticos e sociais a partir do Movimento Indígena Amazônico, também com trânsito pelo universo não-indígena.

Jonathan Neguebites

Nascido em Realengo, na zona oeste do Rio de Janeiro, Neguebites conquistou o Brasil e o mundo como dançarino e professor. Ficou conhecido em 2016, quando começou a ganhar suas primeiras Batalhas de Passinho, conquistando quatro delas como campeão. Hoje ele é um dos mais expressivos artistas que compõem o coletivo de funk carioca.

Jota Mombaça

Artista e escritora indisciplinar, cujo trabalho deriva de poesia, teoria crítica e performance, sua prática está relacionada à crítica anticolonial e à desobediência de gênero. Já apresentou trabalhos em diversos contextos institucionais, como as 32ª e 34ª Bienal de São Paulo, 10ª Bienal de Berlim, 22ª Bienal de Sydney e 46º Salão Nacional de Artistas da Colômbia. É autora do livro *Não Vão Nos Matar Agora*, publicado em Portugal, em 2019, pela EGEAC e no Brasil, em 2021, pela Editora Cobogó.

Juçara Marçal

Cantora do grupo Metá Metá, integrou os grupos Vésper Vocal, A Barca e Ilú Oba De Min. Em 2014, lançou *Encarnado*, seu primeiro disco solo. Naquele mesmo ano o álbum foi vencedor do Prêmio APCA, na categoria Melhor Álbum, e ganhou o Prêmio Governador do Estado, promovido pelo Governo do Estado de São Paulo, como o Melhor Álbum na escolha do júri. Em 2021 lançou seu segundo disco solo e mais recente trabalho autoral, *Delta Estácio Blues*.

Katú Mirim

Mulher lésbica, indígena, rapper, compositora, atriz e cri-



De cima para baixo:
Denilson Baniwa, Jonathan Neguebites e Jota Mombaça
Fotos: Gil Souza



adora de conteúdo, é reconhecida por suas letras que reconta a história da colonização pela ótica indígena e aborda temáticas que atravessam sua vida, identidade, gênero, lesbianidade e maternidade. Em 2017, ano em que lançou seu single de estreia *Aguyjevete*, viralizou com a hashtag #indionaoefantasia. Ainda em 2017, fundou o movimento VI – Visibilidade Indígena, que luta pelos direitos e representatividade dos povos originários.

Legítima Defesa

Formado em 2015, o grupo de artistas, atores, atrizes, DJs e músicos de ação poética e política tem como foco a reflexão e representação da negritude, seus desdobramentos sociais históricos e seus reflexos na construção da persona negra no âmbito das linguagens artísticas. Em 2017, estreou o espetáculo *A Missão em Fragmentos: 12 cenas de descolonização em legítima defesa* na programação da Mostra Internacional de Teatro (MIT). Em 2019, estreou o espetáculo *Black Brecht: e se Brecht fosse negro?*, projeto contemplado pelo Prêmio Zé Renato e considerado pelo Guia da Folha como um dos mais relevantes daquele ano.

Marcelino Freire

Escritor, nasceu em 1967, em Sertânia, Pernambuco. É autor, entre outros, dos livros *Angu de Sangue* (Ateliê Editorial) e *Contos Negreiros* (Editora Record – Prêmio Jabuti 2006). Criou a Balada Literária, evento que acontece em São Paulo desde 2006, com edições em Salvador (desde 2015) e em Teresina (desde 2017). No final de 2013 publicou seu primeiro romance, intitulado *Nossos Ossos*

De cima para baixo:
Katú Mirim, Legítima Defesa e Naruna Costa
Fotos: Gil Souza

(Record), vencedor do Prêmio Machado de Assis. Coordena oficinas de criação literária desde 2003.

Naná Vasconcelos

Nascido no Recife em 1944, e dotado de uma curiosidade intensa, indo da música erudita do brasileiro Heitor Villa-Lobos ao rock psicodélico de Jimi Hendrix, Naná aprendeu a tocar praticamente todos os instrumentos de percussão e, desde o final dos anos 1960, fez das experimentações com o berimbau sua marca registrada. Eleito Melhor Percussionista do Mundo por oito vezes pela revista Down Beat, vencedor de inúmeros prêmios Grammy, Naná deixou sua música universal em cerca de 400 gravações autorais e de artistas como Egberto Gismonti, Itamar Assumpção, Milton Nascimento, Pat Metheny, B.B. King e Chaka Khan. Ao lado de Collin Walcott e Don Cherry, formou o trio Codona.

Naruna Costa

Nascida em Taboão da Serra, em São Paulo, em 1983, a atriz, cantora e diretora é reconhecida pela valorização poética das periferias paulistanas e da presença negra no cenário cultural. Formada na Escola de Arte Dramática (EAD) da Escola de Comunicação e Artes da Universi-

dade de São Paulo (ECA/USP), Naruna é cofundadora do Espaço Clariô Taboão da Serra e do premiado Grupo Clariô de Teatro, referência da militância negra de cultura periférica de São Paulo. Também lidera o Clarianas, grupo de pesquisa de música urbana de raiz popular.

Miró da Muribeca

Nascido no Recife em 1960, João Flávio Cordeiro da Silva, Miró da Muribeca, foi um poeta e cronista urbano. Tornou-se conhecido em todo o país por suas performances singulares e seus poemas que retratam questões essenciais humanas e as injustiças sociais. Tem uma poesia marcada pelo lirismo do cotidiano e por um olhar aguçado sobre a vida nas cidades.

SERVIÇO

Terra de Gigantes

Até 22 de dezembro

Sesc Casa Verde

Avenida Casa Verde, 327, Casa Verde, São Paulo / SP

Tel.: (11) 2238-3300

Dias/Horários: terça a sexta, das 10h30 às 18h30; sábados, domingos e feriados, das 10h30 às 17h30

Agendamentos de grupos:

agendamento.casaverde@sescsp.org.br

Classificação: livre | entrada gratuita

sescsp.org.br/casaverde

